

Planificar o Trabalho de Reforçamento e Criação das Células de Empresa

Na decisiva tarefa em que estamos empenhados de fortalecer e construir o Partido, o trabalho de organização desempenha um papel primordial.

Por essa razão, todo o Partido deve considerar a sua construção orgânica como uma atividade essencial e permanente, sendo para cada organismo uma das preocupações fundamentais.

Para consolidar organicamente o Partido é necessário realizar um trabalho planejado de organização, de construção de células, tendo em vista, principalmente, enraizar o Partido nas empresas e nas grandes concentrações de assalariados agrícolas e de camponeses trabalhadores.

A consolidação dos organismos de base do Partido é tarefa imperiosa e urgente, a fim de que eles possam realizar satisfatoriamente o seu trabalho, funcionar normalmente, se orientar acertadamente diante dos acontecimentos e tomar a

tempo decisiva justa no âmbito de sua ação.

As células, particularmente as das grandes empresas, do ponto de vista orgânico, são o centro do fortalecimento e construção do Partido e devem, por isso, contar com a máxima ajuda.

Esse trabalho de fortalecimento e construção orgânica do Partido exige de todos os organismos, sem exceção, providências no sentido de reforçar as células existentes e criar novas.

O reforçamento e a criação de novas células de empresa constituem uma tarefa fundamental, uma vez que esses organismos de base são os alicer-

ces de toda estrutura do Partido e o meio profundo e poderoso vínculo entre o Partido e a classe operária. Este é o motivo porque é necessário realizar um trabalho planejado e organizado para fortalecer e criar células de empresa, determinando-se concretamente quais os organismos de base de empresa a reforçar e quais as empresas onde se deve criar novas células.

Se abandonar os outros setores, é necessário concentrar o trabalho de consolidação orgânica do Partido no reforçamento e criação das células de empresa, começando desde já pelas atuais organizações de empresas existentes, ajudando-as a se ampliar e se desenvolver.

Os organismos de base, dentro da orientação política do Partido, precisam ser cada vez mais, organismos vivos que tomem resoluções, tenham iniciativa na esfera de sua atividade, editem e divulguem materi-

ais de agitação e propaganda e trabalhem organicamente para que as células sejam efetivamente organismos dessa natureza, desenvolvendo-se em quadros de certo nível, apresentando soluções práticas para seus problemas e educando constantemente e pacientemente os seus membros. O essencial para o fortalecimento e ampliação das células de empresa é a intensificação de sua vida política, na base da assimilação da orientação política do Manifesto de Agosto, sempre em função do trabalho e das lutas de massa.

Na presente situação em que se encontra o Partido, não se pode exigir de célula de empresa o mesmo funcionamento da época da legalidade, com grandes assembleias e reuniões em pequenos intervalos de tempo. É necessário, ao nível político, trabalhar completamente diferente.

Na realização das tarefas do Partido nas empresas é necessário levar em conta as condições particulares de cada uma delas, a repressão patronal e política, a força que a célula encontra na empresa, o nível político da célula, o grau de organização da massa e o estado de espírito dos operários da empresa, não se exigindo da ce-

lula esforços superiores às suas possibilidades. É indispensável ter sempre a preocupação de ajudar as células das grandes empresas, reforçando-as com quadros de certo nível, apresentando soluções práticas para seus problemas e educando constantemente e pacientemente os seus membros. O essencial para o fortalecimento e ampliação das células de empresa é a intensificação de sua vida política, na base da assimilação da orientação política do Manifesto de Agosto, sempre em função do trabalho e das lutas de massa.

Em grande número de fábricas os militantes do Partido residem em bairros os mais diversos, o que torna difícil a reunião normal e periódica, sendo nesse caso indispensável encontrar local que possibilite a participação de todos os militantes ou da sua maioria nas reuniões.

Ao mesmo tempo, é necessário tornar a reunião da célula mais viva e menos monótona, mais prática e menos geral, le-

nhá política do Partido, contribuam imensamente para educar os militantes e abrir-lhes perspectivas para o cumprimento das suas tarefas.

Por essa razão, é necessário combater na discussão burocrática e as discussões fora da realidade onde atua a célula. É indispensável organizar coletivamente as reuniões das células e a sua orçena do dia, de maneira a despertar o máximo de interesse do militante pela reunião, devendo constar sempre da discussão problemas relacionados com as reivindicações e aspirações das massas do setor onde o organismo de base se desenvolve a sua atividade.

É preciso assegurar condições materiais para o bom funcionamento da célula de empresa, como a realização das células de empresa se tornam difíceis de serem realizadas por falta de locais apropriados. A reunião dos membros da célula na empresa é cada vez mais dificultada devido a reação patronal.

Em grande número de fábricas os militantes do Partido residem em bairros os mais diversos, o que torna difícil a reunião normal e periódica, sendo nesse caso indispensável encontrar local que possibilite a participação de todos os militantes ou da sua maioria nas reuniões.

Ao mesmo tempo, é necessário tornar a reunião da célula mais viva e menos monótona, mais prática e menos geral, le-

vantagens sempre para discussões práticas. Deve-se evitar a discussão de assuntos de natureza política, política de linha política do Partido, tendo-se sempre em vista o papel do militante que, além das tarefas do Partido que lhe é atribuídas, não ignore a produção ou um pedaço de obra, exploração e oposição.

Para se iniciar o trabalho de criação de novas células de empresa deve-se aproveitar as chamadas "ligações de linha política do Partido", tendo-se sempre em vista o papel do militante que, além das tarefas do Partido que lhe é atribuídas, não ignore a produção ou um pedaço de obra, exploração e oposição.

As células como organizações políticas, se fortalecem e se ampliam no curso da atividade permanente pela aplicação da linha política do Partido.

Por isso, devem não só intensificar a sua ação em defesa das reivindicações imediatas das grandes massas trabalhadoras, mas também lutar persistentemente pela paz, pela execução do programa da F. D. L. N., e pela organização e unidade da classe operária. Além disso, os organismos de base fortalecidos política, ideológica e organizacionalmente, procurando sempre tomar decisões coletivas, cuja execução exige que todo membro da célula recorra às tarefas concretas e seja educado no espírito de responsabilidade e de iniciativa pessoal.

Por isso, devem não só intensificar a sua ação em defesa das reivindicações imediatas das grandes massas trabalhadoras, mas também lutar persistentemente pela paz, pela execução do programa da F. D. L. N., e pela organização e unidade da classe operária. Além disso, os organismos de base fortalecidos política, ideológica e organizacionalmente, procurando sempre tomar decisões coletivas, cuja execução exige que todo membro da célula recorra às tarefas concretas e seja educado no espírito de responsabilidade e de iniciativa pessoal.

UMA POLÍTICA DE PRINCÍPIOS:

A Defesa da Paz pela URSS Na S. D. N. e Nas Nações Unidas

RUI FACO

Em sua última entrevista à "Pravda", a 16 de fevereiro, o camarada Stálin alertava os povos para o novo e abjeito papel desempenhado pela ONU, servindo de cobertura aos planos de guerra e colonização mundial dos Estados Unidos.

«A ONU — disse Stálin — fundada como baluarte de manutenção da paz, está se convertendo em instrumento de guerra, num meio para o desencadear de uma nova guerra mundial». E acrescentou: «É característico dos atuais procedimentos da ONU que, por exemplo, a pequena República Dominicana tenha hoje o mesmo peso na ONU que a Índia e muito mais peso que a República Popular da China, privada do direito de voto na ONU».

«Portanto, ao se transformar num instrumento de guerra agressiva, a ONU deixa de ser simultaneamente uma organização mundial de nações com igualdade de direitos. Em resumo, a ONU é, agora, menos uma organização mundial do que uma organização para os norte-americanos que atua segundo as exigências dos agressores norte-americanos».

«A ONU — concluiu Stálin — segue, portanto, o infamante caminho da Sociedade das Nações. Deste modo entra em seu prestígio moral e condensa-se ao desmoronamento».

Ninguém ignora que a Sociedade das Nações foi fundada depois da primeira guerra mundial de 1914-1918, que foi uma guerra entre bandos imperialistas encabeçados pela Alemanha, de um lado, e pela Inglaterra, França e Estados Unidos do outro.

A SDN foi, desde o começo, uma organização através da qual o bando vencedor dirigia sua política imperialista no após guerra, tratando de consolidar suas conquistas armadas e obter a hegemonia mundial.

Para funcionar, no entanto, a SDN se apresentava com propósitos pacíficos. Por isso mesmo, quando a situação internacional se agravou com a tomada do poder pelos nazistas na Alemanha, o governo da União Soviética, fiel aos princípios de sua política de defesa intransigente da paz, ingressou na Sociedade das Nações.

A SDN era, sabidamente, uma organização dominada por determinado bloco de potências imperialistas mas podia ser, também, como a denominou a História do Partido Comunista (bolchevique) da URSS, uma tribuna para denunciar os agressores e instrumento de paz, embora débil, para frear o desencadear da guerra. «A U. R. S. S. defendia-se, agravou com a História do P. C. (b) da URSS — que nos lembra que a URSS não hesitou em defender nem mesmo uma organização internacional tão fraca como a Sociedade das Nações».

Realmente, a SDN não conseguia impedir que os imperialistas japoneses invadissem a Manchúria e a dominassem, que a Itália fascista se lançasse sobre a Etiópia e a escravizasse, e que a Alemanha nazista preparasse a

voz da delegação soviética era a única que se levantava para denunciar aos povos a marcha da nova guerra imperialista de avassalamento de nações inteiras pelos agressores fascistas.

Os governantes dos Estados Unidos, Inglaterra e França não só cruzavam os braços diante da agressão como estimulavam os agressores. Os grandes industriais norte-americanos financiavam a indústria armamentista de Hitler através de empréstimos fabulosos e da organização de sociedades mistas germano-americanas ou germano-anglo-franco-americanas, como o Banco Schoroder. A General Motors de Wall Street entabulava relações estreitas com o consórcio químico alemão I. G. Farbenindustrie, que por sua vez se entrelaçava com a Standard Oil de Rockefeller.

Tratando os fins pacíficos da SDN, no dia seguinte à subida de Hitler ao Poder, em 1933, era assinado em Roma o «pacto de aliança e colaboração» entre a Inglaterra, a França, a Alemanha e a Itália. Esse pacto significava o reconhecimento da política de agressão e de guerra traçada por Hitler antes mesmo da ascensão do nazismo. Era um estímulo aos Estados agressores e um golpe nas conversações que se realizavam então visando o desarmamento.

Por iniciativa da União Soviética antes mesmo de seu ingresso na Sociedade das Nações, efetuava-se em Genebra uma conferência de desarmamento. A URSS propunha o desarmamento geral com base para uma paz sólida e duradoura no mundo, como obstáculo à agressão já iniciada com o assalto japonês contra a Manchúria.

Mas o objetivo dos imperialistas não era a paz: era o isolamento do primeiro Estado socialista fundado por Lênin e Stálin, era criar condições para o esmagamento da União Soviética, velho sonho de Churchill e demais reacionários e cães de guarda do capitalismo.

Mas a URSS continuava seu incansável labor em prol da paz mundial e contra o expansionismo fascista. Em nome do Governo Soviético, Litvinov apresenta à Sociedade das Nações em 1934 o plano soviético para o desarmamento total. Defende o travamento base na segurança coletiva, exige a definição da agressão e a caracterização do agressor. Esta última proposta soviética chegou a ser aceita no fundamental pelo Comitê de Problemas de Segurança da SDN. Mas os governantes anglo-franceses impediram sua aprovação definitiva, deixando-a arquivada até que rebentou a guerra em 1939 e os povos se viram arrastados à nova sangueira provocada pelos mesmos bandos que a URSS denunciara durante anos, exigindo que fossem amordacados antes de desencadear a guerra.

Recapitulando a situação de delegação soviética na Sociedade das Nações, Molotov diz na sessão do Comitê Executivo Central da URSS, a 10 de janeiro de 1936:

«A União Soviética tem demonstrado no seio da Sociedade das Nações, com o exemplo de um pequeno país a Grécia, que ela é fiel a este princípio, ao princípio de independência de todos os Estados e de sua igualdade em direitos como nações. A União Soviética tem também aproveitado a sua participação na Sociedade das Nações para pôr em prática sua linha de conduta em relação ao agressor imperialista».

Nesse mesmo ano de 1936, a URSS apresentou à Sociedade das Nações uma importante proposta para fortalecer a segurança coletiva e frear o agressor. A Inglaterra e a França, que dominavam a SDN, simplesmente desconheciam essa proposta, argumentando: «Essa traição infame a causa da paz foi denunciada por Stálin no 18.º Congresso do Partido Comunista (b) em março de 1939, quando o campeão da paz mundial expôs as razões do aguçamento da agressão hitlerista, que esmagara a Áustria, a Espanha e se encaminhava para a deflagração da guerra total».

«O principal motivo — dizia Stálin — é que a maioria dos países não agressores, e em primeiro lugar a Inglaterra e a França, renunciaram à política de segurança coletiva, à política de resistência coletiva aos agressores».

Em resumo, o bloco imperialista que dominava a SDN impedia que ela fosse um instrumento de defesa da paz e um obstáculo importante à agressão fascista. Todos os esforços da União Soviética nesse sentido foram criminosamente torpedeados pelos países capitalistas. Fora da SDN, os Estados Unidos vendiam armas à Alemanha nazista e ao Japão militarista. Dentro da SDN a Inglaterra e a França faziam concessões sobre concessões aos Estados fascistas, contanto que eles preparassem a guerra contra a União Soviética, sacrificando ao canalismo hitlerista a independência de outros países e, assim, fortalecendo a agressão. O objetivo central dos bandos imperialistas era empurrar os expansionistas alemães para o leste contra a Pátria dos Trabalhadores Livres.

O acordo de Munique, em 1938, foi a senha entre os bandos para o golpe contra a URSS.

Mas a História mostrou o quanto estavam equivocados em seus cálculos os imperialistas e reacionários de todo o mundo. A União Soviética não apenas não se esmagou, a agressão e salvou a humanidade da escravidão fascista. Reclamou dos anseios de paz da humanidade progressista, surgiu nos combates da segunda guerra mundial uma nova coligação de povos, cujos alcerces foram regados com o sangue generoso de milhões de combatentes soviéticos — a Organização das Nações Unidas.

Por isso mesmo, Stálin, já em 1945, lançou esta advertência em relação à ONU: «Podemos esperar que os atos desta organização internacional serão suficientemente eficazes? Eles serão eficazes se as grandes potências que entregaram sobre seus ombros o principal fardo da guerra contra a Alemanha hitlerista continuarem a agir num espírito de unanimidade e de cordônia. Estes atos não serão eficazes se a condição expressa for violada».

A verdade é que desde os primeiros dias da atuação da ONU os Estados Unidos demonstraram claramente seus desígnios de fazer da organização internacional um instrumento para seu expansionismo imperialista. Iniciou a mais feroz campanha contra o direito de veto, direito esse que assegura as decisões por unanimidade das 5 grandes potências no Conselho de Segurança. Trataram de reduzir o Conselho de Segurança a um organismo da ONU criado com a responsabilidade específica de manter a paz e fomentar a segurança entre os povos, à mais completa impotência, freando os imperialistas a substituir o método das decisões unânimes pelo das decisões por simples maioria, quando a unanimidade é o método consagrado entre Estados soberanos e iguais em direitos, desde que se trata de resolver não qualquer questão de rotina mas de tomar decisões obrigatórias para todos os Estados membros da organização. Mas as potências ocidentais, com os Estados Unidos à frente, não desejavam, como não desejam ainda agora, acordos para soluções justas e equitativas dos problemas internacionais. Seguiram e seguirão a política das declarações unilateralistas, dos fatos consumados, a política que «Victrolski certa vez qualificou de «voto de dólar», pois que se trata do papel decisivo dos Estados Unidos em tal ou qual problema».

Ante a firmeza da URSS na defesa da Carta das Nações Unidas, pela manutenção dos princípios sobre os quais ela foi fundada, os imperialistas começaram a manifestar certa hesitação em países que lhes são submetidos, como os da América Latina, Brasil inclusive, e com essa maioria servil passaram a anular na prática a orientação da ONU como instrumento de paz e colaboração internacional. Já na segunda sessão da assembleia geral da ONU em 1947, por proposta da delegação norte-americana, essa maioria torpe decidiu a criação das Nações Unidas criando um organismo espúrio dentro da ONU, o Comitê Interacional na chamada «Paz e Colaboração», que rouba atribuições especi-

ficas do Conselho de Segurança, onde a URSS tem o direito de veto. Nesse Comitê Interacional quem decide é a maioria norte-americana. Al liquidou-se sumariamente o princípio da unanimidade, ao qual Stálin atribuiu uma importância decisiva para o funcionamento da ONU em favor da Paz mundial.

Posteriormente, a máquina do voto dos Estados Unidos violou mais uma vez a Carta da ONU criando a chamada Comissão Balcânica e a Comissão para a Coréia, a primeira destinada a encobrir a intervenção norte-americana contra o movimento de libertação nacional da Grécia, atribuindo-se à Comissão para a Coréia a função criminosa de impedir a unificação daquele país, a formação de um governo democrático e propagando a guerra armada de dois quilistas americano Singman Ri contra a República Democrática Popular da Coréia, em junho do ano passado.

O conflito coreano foi a pedra de toque da eficiência ou ineficiência da ONU.

Não tivemos a ONU transformada em instrumento de guerra e expansionismo dos imperialistas lanque, não é claro que teria tratado, antes de tudo, de encontrar uma solução pacífica para o problema da Coréia? Não há dúvida que sim. E, no entanto, a maioria americana que funciona a favor do imperialismo da agressão norte-americana, foi o próprio Conselho de Segurança que sancionou ilegalmente, porque com a ausência da União Soviética e da legítima representação da China, uma decisão já tomada e ordenada com antecedência por Truman, a decisão de fazer guerra à Coréia, de invadir selvagemmente a quele país, em apoio à infame provocação de guerra do próprio local de Wall Street, Singman Ri, o fantoche coreano do sul.

A guerra da Coréia devora centenas de milhares de vidas e bens materiais, e as chamadas «tropas da ONU», os americanos que cometem crimes bárbaros contra velhos, mulheres e crianças, massacraram populações inteiras, arrazam cidades e aldeias numa fúria assassina que ultrapaça o canalismo hitlerista em Varsóvia ou Lidice».

Chegam à ONU propostas concretas para a solução pacífica do conflito coreano, a ONU, ramada pelos Estados Unidos, repete as propostas, enquanto os criminosos imperialistas procuram alastrar a guerra, envolvendo a China e atenuando cidades chinesas, numa provocação aberta para a nova guerra mundial.

Enquanto tramavam o desencadear da agressão armada, no Ásia, os sabotadores da atividade da ONU agiram também por cima e à margem da organização internacional, concertando planos de guerra e alianças agressivas como o Pacto do Atlântico Norte e o Tratado

de Rio de Janeiro, criando uma rede de bases militares em todo o mundo, davam não forte a regíms fascistas da Coreia e Turquia, Jugoslavia e Espanha.

Basta a posição assumida pelos imperialistas norte-americanos na ONU em relação à República Popular da China para definir o grau de degeneração da Organização das Nações Unidas e a sua transformação, como o denuncia Stálin, em instrumento de guerra a serviço dos imperialistas norte-americanos. A China é um dos cinco membros natos da ONU, é uma das cinco grandes potências fundadoras do organismo mundial destinado a manter a paz. É membro permanente do Conselho de Segurança. Pela vontade legítima do heróico povo chinês foi derrubada a camarilha de bandidos de Chiang Kai-Shek e instaurado um governo democrático popular para toda a China. O governo de Mao Tse-Tung representa 300 milhões de chineses, uma quarta parte de toda a humanidade. E, no entanto, num desrespeito flagrante e cínico aos direitos dos povos e violando a Carta da ONU, os Estados Unidos de Truman impediram até agora que a República Popular da China assumisse seu lugar na ONU.

Mas não é só. Numa explosão de ódio feroz no povo chinês e particularmente aos bravos voluntários chineses que lutam ombro a ombro com seus irmãos vizinhos da Coréia, os Estados Unidos arrancaram da ONU uma das mais vergonhosas decisões até hoje adotadas: a declaração da China como «nação agressora», quando são os Estados Unidos que ocupam militarmente a ilha chinesa de Formosa, com requintes de barbarismo bombardeiam a população civil do território continental chinês e ameaçam levar a guerra à Manchúria.

Os negociadores de uma nova carnicina mundial agem também contra a paz, impedindo os povos chineses de aprovações de medidas concretas contra a guerra, como as propostas da URSS para a assinatura de um Pacto de Paz entre as cinco grandes potências, pela proibição das armas atômicas e de radiação, o desarmamento e das forças armadas, ou impedindo a conclusão dos tratados de paz com a Alemanha e o Japão bem como a retirada das tropas estrangeiras que ocupam esses países. As potências ocidentais, encabeçadas pelos Estados Unidos, levam a cabo uma política de armamentismo desenfreado, propondo ocupar indefinidamente o Japão e a Alemanha ocidental, ou fustigando em transbordante a agressão imperialista contra a URSS e as democracias populares.

É diante de tais fatos que se compreende melhor a importância para todos os povos da inmensa contribuição à causa da paz representada pela atuação da União Soviética na ONU. Ali, representam

tantos do primeiro Estado socialista — defendem vigorosa e inefectivamente uma política de princípios em favor da paz mundial, a mesma política que fazia o governo Soviético, no dia imediato à conquista do poder pela classe operária, promulgar como seu primeiro ato o DECRETO SOBRE A PAZ, propondo aos povos beligerantes uma armistício imediato, e fazendo um apelo «aos operários conscientes das três nações mais avançadas da humanidade e dos três Estados mais importantes que participavam da guerra inter-imperialista a ajudar a levar a termo rapidamente a causa da paz e, com ela, a causa da libertação das massas trabalhadoras».

Ontem na SDN, hoje na ONU, a linha mestra da política exterior dos povos da União Soviética é a liberdade de paz e da independência de todos os povos. Cara a cara com os fatores de guerra, os representantes soviéticos desmascaram os preparativos de novas carnicinas e proclamam as massas populares a barrar o caminho ao crime que tramam na sombra ou abertamente os imperialistas anglo-americanos que sonham manter e estender seus domínios a custa do sangue dos próprios povos que escravizam.

«Propaganda» — berram histéricos e enfiados os defensores do capitalismo. E discípulos do grande Stálin como Gromiko respondem: «Sim, senhores, a delegação soviética considera que o fazer propaganda em favor da paz».

O esforço heróico da URSS em favor da paz não tem sido em vão. Os povos estão hoje mais atentos e vigilantes do que nunca na salvaguarda da paz com um bem sagrado de toda a humanidade, e se opõem a uma terceira guerra mundial. Organizam uma poderosa frente antigerreira que abraça dezenas de países e centenas de milhões de seres humanos.

Realizam ações concretas para barrar a guerra, destroem armamentos, recusam-se a produzir armas e munições, como na Itália, na França, como no recatamento de oposição aos acordos de paz para as guerras no Vietnã ou na Coréia. Forjam, na prática, a solidariedade ativa às vítimas da agressão armada, de que é exemplo notável a participação dos voluntários chineses no desarmamento coreano em defesa de sua independência nacional, agredida pelos Estados Unidos.

Na sua entrevista Stálin dá aos povos a confiança em suas próprias forças ao dizer: «A paz será mantida e consolidada se os povos tomarem em suas mãos a causa da manutenção da paz e salvaguarda desta causa até a fim. A guerra não pode ser lutada por incansáveis de guerra conseguem confundir as massa populares e levam a uma nova guerra mundial».

Essas palavras são como um hino de alerta e estímulo aos milhões de homens que se levaram à vitória a luta por um Pacto de Paz entre as cinco grandes potências — URSS, Estados Unidos, Inglaterra, França e República Popular da China — e sua luta pela constituição da paz e da segurança entre os povos.